

# A BATALHA

DIÁRIO DA MANHÃ



PORTA-VOZ DA ORGANIZAÇÃO OPERÁRIA PORTUGUESA

ANO IV — Número 1.140

Segunda-feira, 14 de Agosto de 1922

PREÇO — 10 CENTAVOS

Redacção, Administração e Tipografia

Calçada do Combro, 38-A, 2.º Lisboa — PORTUGAL

Endereço telegráfico: Tafalha-Lisboa Telefones 5339-0

Oficinas de impressão — Rua da Atalaia, 114 e 115

AOS OPERARIOS! Abaixo os dois tipos de pão.

De pão, consumidores!

De acordo com a C. G. T. e a U. S. O. de Lisboa o Comité Central novamente vos incita à luta, "em defesa do tipo único de pão".

Deveis reclamar mais: "a abolição da censura, a liberdade dos presos e a reabertura da C. G. T., U. S. O. e mais sindicatos que se encontram encerrados".

E até que isto se consiga, lutai com bastante energia e decisão.

Viva a greve geral em prol do tipo único de pão!

Que todos cumpram com o seu dever!

14-8-1922. O Comité Central

## A JUSTIÇA DO POVO IMPÕE-SE SOBERANA!

O governo e o parlamento desatenderam as indicações populares. Porquê? Porque às reclamações do povo falta justiça? Não!

Preocipados com as suas prorrogativas hierárquicas tiveram mais em conta o seu amor próprio do que a vontade do povo, em nome do qual dizem governar a nação!

O povo que tem sido desrespeitado por todos é por isso mesmo a única vítima da vampiragem, do banditismo do comércio e da indústria e de todos os gastos da finanças — essa gente que se ocupa com as importações e exportações, que recolhe o capital sonante e o deposita no estrangeiro por lá, considerar mais seguro e lhe render mais; esses gastos que fomentam num ruim propósito o desequilíbrio económico para melhor explorarem com a miséria do povo; que promovem toda a casta de tropelias, de burlas, de vigarismos, auxiliados pela imprensa de que se apoderaram pelo dinheiro e que iludiam os leitores, sugestionando-os e levando-os a aceitar como bom o que é apenas burla e roubo; que não exigem de pagar bem a agentes especiais, homens sem escrúpulos, encarregados de cativar, pela sugestão ou em troca de grandes somas, políticos para que estes lhes defendam interesses inconfessados e inconfessáveis no parlamento e em todas as repartições do Estado; que trazem, enfim, a infelicidade, o desespero e a dor aos lares das grandes massas de trabalhadores, às quais, por outro lado, negam aumentos de salários, reclamados unicamente com o fim de equilibrar o seu viver doméstico, visto que os rendimentos operários são feitos dos seus salários, amargurados na dôr do trabalho violento para a produção das utilidades;

— e é depois de tudo isto ser notório, verificado, sentido por toda uma vasta população famélica, vítima desta «bacanal» sem nome, que, tendo-se aplanado o caminho para uma solução satisfatória da questão do pão — problema facilmente de resolver desde que não hajam os favoritismos que a lei os cereais protege e encobre — surgiu uma negativa, irritada para mais com o insulto ao povo, com a suprema injúria de que o pão é «desorduro», quando toda a gente verificou que ele foi o agredido sem motivo nem razão, quando o povo apenas clamava muito justamente que o pão fosse para toda a gente igual e pago por preço compatível com as suas possibilidades.

Agora aí tem o resultado de se colocar acima dos supremos interesses do povo o amor próprio de instituições que só ao povo dizem pertencer — se é que, de facto, não querem mais uma vez demonstrar ser mentira o princípio de o governo ser do povo e pelo povo.

O movimento de protesto resurge, potente e ativo, local desde já, mas em breve nacional — se mais uma vez se colocarem acima do povo os interesses de oligarquias e de quadrilhas.

O governo não o pretenderá esmagar pela força, pela violência das armas, pois bem poderá ver que é a alma do povo que se manifesta e que, de facto, já demonstra não estar disposta a aceitar o ludibriu e a burla.

Isto fizemos com a maior calma e serenidade. Atenda o governo! Atenda o parlamento!

O pão é superior a tudo, e, em nome do seu direito à existência — manda!

## ESclarecendo os factos

AO PROLETARIADO  
Nota oficial da U. S. O.  
de Lisboa

Estamos a luta primariamente travada e que nos foi imposto pelos constantes reclamações do público consumidor. Estamos a luta primariamente travada e nem outra maneira poderia ser.

Ao contrário disso muita gente ainda hoje expõe — ainda hoje, não obstante tantas repetidas ligações dos factos — que são os militantes que lançam os movimentos simplesmente pelo efeito de os lançarem. As greves — muito especialmente novas, como estas, que têm um grande extensão e envolvem muitos interesses e muitas responsabilidades — não se produzem nem podem produzir pela simples vontade de milhares de homens que se arrombam o estômago para o trabalho e condizem rebanhos. Vai longe já o tempo — felizmente — em que a massa se deixava cegamente guiar fosse por quem fosse.

Enganam-se, pois, que sobre esta questão social e sobre as suas várias exteriorizações e seus diferentes aspectos continuam a ter o ponto de vista iluso e estranho de que estes movimentos são da iniciativa e responsabilidade de meia dúzia de mestres que têm como fim evidenciar-se e extrair perturbada uma sociedade já exausta.

Não deixemos isto — fizemos assim e bem entendido — para alijarmos responsabilidades próprias que não está no nosso caminho por parte de banda, pois, dentro prima não poderia explicar-se que continuassemos no nosso legítimo posto de combate por uma sociedade melhor, mais justa e mais humana. Não! Pretendemos apenas deixar vir à luz a verdade e ilucidar aqueles que porventura de boa-fé ainda assim encarem estes problemas e desta forma criticarem e comentarem superficialmente movimentos desta natureza.

Greves assim nascem, produzem-se, desenvolvem-se e impõem-se por motivo de um conjunto de factores que nos são estranhos, para os quais em nada contribuímos. É a massa popular — da qual não deixa de fazer parte também a sacrificada e tritada classe média — que as reclama, que

R suspensão da greve geral e a sua intensificação

Nota oficial das Federações Nacionais de Indústria

Aos federados de Lisboa

Em virtude dos factos que surgiram, da negação formal de compromissos tomados pelos governantes para atender as reclamações das classes trabalhadoras, foi de novo votada a greve geral, de acordo com a C. G. T. e a U. S. O. de Lisboa, em defesa não só do tipo único de pão, mas também para reclamar a abolição da censura, a liberdade dos presos e a reabertura da C. G. T., U. S. O. e mais sindicatos que se encontram encerrados.

Devem, portanto, os federados de Lisboa cumprir com os seus deveres de operários conscientes, demonstrando assim a sua repulsa pela atitude assumida pelo governo, retomando só o trabalho quando o respectivo comité o determinar.

Aos federados da província

Na reunião dos delegados da província que estejam a postos para secundar o movimento de Lisboa, em conformidade com as instruções já fornecidas.

Sangue!

A luta pela vitória das nossas reclamações já produziu sangue, muito sangue, que a polícia — em detrimento dos seus próprios interesses, e o pessoal de reacção e administração mantém, há ao serviço, durante os dias da greve, nenhuma remuneração, a quem ninguém pode negar razão e justiça.

Como é feita a BATALHA

Na reunião dos delegados dos quadros dos jornais foi resolvido que a BATALHA saísse excepcionalmente, por se considerar necessária a sua publicação. Em conformidade com esta resolução,

A BATALHA será, por turnos, composta gratuitamente pelos compositores grevistas, e o pessoal de reacção e administração manter-se-á ao serviço, durante os dias da greve, nenhuma remuneração, a quem ninguém pode negar razão e justiça.

A U. S. O., na boa intenção de conciliar tanto quanto possível as aspirações do operariado com a possibilidade que o governo tinha de as atender, aconselhou, como é do domínio público, o regresso ao trabalho, consciente de que o sr. Peres Trancoso interpretava bem as intenções do poder executivo, como entendidas que devia mentalmente a bem do país satisfazer as suas justas reclamações, evitando a eclosão dum movimento que significava bem o exploração descontentamento das classes menos abastadas.

Tal não sucedeu. E, além de tapar os ouvidos às justas queixas dum povo, que tem sido descaradamente espoliado e desprezado com uma resignação inadmissível, fechou também os olhos à responsabilidade, como quase sempre, pretendendo fazer recaer sobre nós essa responsabilidade.

Com tudo não pretendemos ainda apurar responsabilidades. Demais sabemos que o governo e o parlamento que o povo deseja apenas um tipo de pão. Multíssimas vezes se manifestaram as classes operárias nesse sentido. Mas, como a legislação se faz aqui apenas por dois dias, está perfeitamente justificada a ação dos poderes constituidos.

Passadas vinte e quatro horas depois de se terem tomado compromissos de grande responsabilidade, compromissos que tinham determinado o fim da greve, o governo declara ao parlamento não ter tratado com ninguém da solução do conflito!!!

Tam estranha como revoltante atitude, indignou a classe operária que assim viu postergar os seus legítimos interesses e direitos. A falta de critério, que cometeu.

O povo não pode nem deve pagar mais!

Voltemos pois ao tipo único de pão a \$60.

A odiosa censura

Lutadores intratigentes pela liberdade não podemos ficar silenciosos perante a regressão, condenável que o regime republicano acabe de fazer, estabelecendo para o pensamento humano a odiosa censura prévia.

Aparece que os governos não se convencem ainda de que o pensamento que se oculta, o pensamento que, impedido de se proclamar à luz do dia, se propaga silenciosamente, à boca pequena, é muito mais perigoso para a segurança das instituições.

Tanta vez os propagandistas da república puseram em relevo as vantagens da liberdade de pensamento, tanto ataques dirigiram ao regime monárquico por multar a prosa dos seus jornais — e hoje, só porque uma greve geral surgiu, logo os antigos propagandistas da liberdade caem no gabinete da censura.

Isto indica que, no fundo, os republicanos são mais reacionários que os monárquicos.

Para a luta, pois, que havemos de vencer!

Quem tem dignidade? Os homens da ordem ou os «desordeiros»?

A falta de palavra e dignidade que é que o povo não aceita nem se conforma com a atitude do governo. Impõe-lhe a fórmula. Tanto pior. Daqui não incitamos.

Descrevemos imparcialmente a situação. Ainda mesmo que as classes operárias se conservassem aparentemente calmas, nunca estariam satisfeitas disso resultariam fatalmente conflitos que o governo não tem procurado evitar, como tem sucedido sempre com este regime de pão. Dizer-se que o povo tem suportado outros aumentos e não tem reclamado? Isto prova simplesmente a sua resignação que tem sido covarde e vergonhosa. Além de que estes aumentos não têm sido sancionados ou impostos por lei. Estamos em face dum caso diferente. Que os comerciantes aumentem o preço dos gêneros, não é justo, mas... grama-se.

Está na mão do operariado evitar isso? Não. Apenas na do governo. Muitas vezes de aqui apontamos medidas de fomento que poderiam ser beneficiamente aproveitadas e o governo não faz caso, apezar de ter nesse sentido o apoio do operariado. O regime cerealífero, ultimamente aprovado pelo parlamento, não foi aceito pela população do país.

Em Lisboa, Porto, Almada, Seixal, Barreiro, Setúbal, Evora, Beja, Cascais, etc., o proletariado levantou-se energeticamente, protestando contra tal decreto. O sr. António Maria da Silva, na sua qualidade de presidente do ministério, declarou a uma Comissão de demarches da U. S. O. de Lisboa, comissão que fazia acompanhar o dr. Sobral de Campos, advogado do Conselho Jurídico da C. G. T., que também era apoiista do tipo único de pão, que faria tudo quanto lhe fosse possível, para que o governo e o seu grupo parlamentar defendessem qualquer proposta que apelasse ao cumprimento dos compromissos tomados por ele.

O regime cerealífero é odiado pela população do país; resta que o parlamento reconheça o tremendo erro que cometeu.

O povo não pode nem deve pagar mais!

Voltemos pois ao tipo único de pão a \$60.

O operariado do Porto

Segundo informações fidedignas, o operariado do Porto, que se lançou há dias numa greve geral admirável pela energia e pela altitude que a caracterizaram, está na disposição de voltar à luta, com mais energia ainda, afim de fazer vingar as reclamações da classe operária que o governo e o parlamento se obstinam a contrariar.

E' preciso que o operariado de Lisboa saiba manter bem alto o espírito de solidariedade e não esqueça que pelas suas reclamações lutaram os trabalhadores de quase todo o país.

Assembleia, que se possa viver e gime de equidade, de justiça e de como o embrião da república nos põe.

Não se esqueçam

Alguém teve a infeliz ideia de promover uma subscrição a finais de gratificação a fórmula pública, por elas ser mostrada feroz e sangrenta para os seus irmãos. Decerto não esquecerão aquela que matou cobardemente o tipógrafo Guilherme Lima.

8

